



## REFLEXÕES SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM EDUCAÇÃO ONLINE: UM CAMINHO PARA A INTERATIVIDADE

Cruz, Nelly Kazan Sancho <sup>1</sup>

Silva, Marco <sup>2</sup>

**RESUMO:** A prática docente na modalidade de ensino online ainda permanece centrada em abordagens tradicionais de avaliação da aprendizagem, habituais em ambientes presenciais. Esta questão mobilizou a realização do presente estudo, que tem como objetivo geral investigar uma prática de avaliação da aprendizagem em um curso *online* a partir dos critérios da “avaliação mediadora” (Hoffman) e dos “fundamentos da interatividade” (Silva). Como objetivos específicos, se propõe a: (a) mapear os princípios da avaliação mediadora e os fundamentos da interatividade com a finalidade de discutir indicadores específicos de qualidade; (b) examinar a *performance* das interfaces *chat* e fórum como espaços de avaliação da aprendizagem; (c) propor encaminhamentos para avaliação a partir da construção de rubricas específicas. O *locus* da pesquisa foi um curso de extensão na modalidade *online* e a metodologia utilizou uma abordagem qualitativa com observação participante e um questionário *online*, este analisado sob a técnica de análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram que: a) é possível a transposição para o ambiente *online* dos pilares da avaliação mediadora originalmente definidos para o ensino presencial; b) tais pilares estão em consonância com os fundamentos da interatividade e, juntos, permitem o tratamento da avaliação da aprendizagem nos processos de construção colaborativa do conhecimento e da comunicação nos fóruns c) as rubricas construídas a partir de pressupostos da avaliação mediadora e da interatividade permitem a autoria cooperativa na construção de formas, instrumentos e critérios favoráveis à avaliação proposta neste estudo.

**Palavras-chave:** Educação *online*. Avaliação mediadora. Interatividade.

---

<sup>1</sup> Docente do Curso de Fisioterapia -Universidade Estácio- Mestre em Educação.

<sup>2</sup> Docente da Graduação do Curso de Pedagogia e Mestrado em Educação- Universidade Estácio de Sá  
Docente da Graduação do Curso de Pedagogia–UERJ  
Mestre em Educação – FGV-RJ  
Doutor em Educação- USP-SP



**ABSTRACT:** The teaching practice in the online modality still stays centered in traditional approaches of learning evaluation, usual in classroom ambiences. This issue has mobilized the accomplishment of the present study, that generically aims investigate a practice in learning evaluation in an online course since of the “mediatory evaluation” criteria (Hoffmann) and the “interactivity principles” (Silva). Specifically, it aims: a) to map the mediatory principles and interactivity basis in order to debate specific quality indicators; b) to examine the performance of the chat and forum interfaces as environments to learning evaluation; c) to suggest evaluation guidings since the construction of specific instructions. The research locus was an online extension course and the methodology has included a qualitative approach with participant examination and an online questionnaire analyzed under the analysis of content technique. The outcomes has evidenced that: a) it is possible the transposition to the online environment of the mediatory evaluation basis originally defined to the room learning; b) such basis are in consonance with the interactivity principles and, together, they allow the handling of the learning evaluation in the processes of collaborative construction of knowledge and communication in the forums and chats; the special instructions constructed based on the mediatory evaluation and interactivity allow the collaborative authorship to construct forms, instruments and criteria helpful to the evaluation proposed in this study.

**Keywords:** Online education. Mediatory evaluation. Interactivity.

## INTRODUÇÃO

A inserção da informática e da internet na educação vem crescendo exponencialmente e se mostrando cada vez mais desafiadora para a prática pedagógica. Entretanto, a docência e a avaliação da aprendizagem, presentes na escola e na universidade, têm sido transpostas para a educação via internet, sem levar em conta as especificidades comunicacionais da chamada “sala de aula virtual”. A modalidade *online* de educação traz desafios específicos que convidam o professor a se dar conta da necessidade de investimento em novas estratégias em informação e comunicação capazes de não subutilizar a informática e a internet, mas de potencializar a aprendizagem e sua avaliação.



Com base em uma inquietação relacionada às práticas avaliativas tradicionais, fez-se necessário um estudo que pudesse levantar questões sobre avaliação da aprendizagem na educação *online*. A avaliação da aprendizagem nesta modalidade de ensino deve estar em sintonia com a dinâmica comunicacional própria da sala de aula *online* e se o professor traz da sala de aula tradicional para o AVA a concepção de aprendizagem solitária na qual o aprendiz é submetido à centralidade da sua oratória, estará comprometendo igualmente a aprendizagem e sua avaliação.

Ao pensarmos em avaliação da aprendizagem, nos deparamos com várias modalidades a serviço de uma pedagogia diferenciada a fim de diagnosticar os interesses e dificuldades de cada aluno. Por mais que investiguemos novas formas de avaliar, ainda nos deparamos com a quantificação do saber, conferindo a essa prática um caráter apenas classificatório e sentencial. Embora haja inúmeras concepções quanto à avaliação da aprendizagem, esta continua sendo realizada de forma a mensurar os conteúdos memorizados adquirindo um caráter de premiação ou punição, a critério do autoritarismo do professor e, principalmente, de uma ação antidemocrática.

As dificuldades para se praticar uma avaliação democrática são muito distintas. Democratizar a avaliação é democratizar a relação professor-aluno, tornando-a mais comunicativa, igualitária e dialógica. Realizar uma avaliação democrática significa ter a possibilidade de analisar profundamente os problemas, necessidades e, sobretudo, de intervir em todos os elementos que configuram o processo educativo. O primeiro e mais importante traço de uma avaliação democrática é assegurar a possibilidade de refletir e questionar as atividades de aprendizagem (BATALLOSO, 2003).

Sob esta perspectiva de avaliação, neste contexto de mudanças, os professores são desafiados a repensar os modelos existentes e a vivenciar novas situações, principalmente, quanto nos referimos à educação *online*. Esta vem se revelando como forma de democratização do saber e como inovação educativa, garantindo a liberdade de expressão e autonomia do sujeito.

Demo (2003) concebe a avaliação como processo comprometido com a aprendizagem e produção do conhecimento, com base no ato investigativo, interrogativo, provocativo e contextualizado, ultrapassando assim a perspectiva tecnicista do exame e julgamento.



Os rumos do processo educativo e de avaliação apontam para a organização de experiências desafiadoras, não seguidoras de percursos programados, e um dos maiores desafios na educação *online* é articular os inúmeros recursos da tecnologia e ressignificar as metodologias de ensino e de avaliação que efetivamente possibilitem mudanças de ordem qualitativa. Reconhecendo que o processo de construção do conhecimento pressupõe a natureza social e cognitiva, há que se considerar uma avaliação centrada no pensamento criativo, reflexivo, dialógico e crítico do aluno, em vez de buscar obsessivamente a padronização de condutas e respostas prontas, fechadas e memorizadas.

Uma pedagogia diferenciada favorece uma avaliação significativa e sob esta perspectiva Hoffmann (2005, p. 78) propõe uma concepção mediadora de avaliação e a define como um “processo de permanente troca de mensagens e de significados, um processo interativo, dialógico, espaço de encontro e de confronto de idéias entre educador e educando em busca de patamares qualitativamente superiores de saber”.

Ainda segundo Hoffmann (2005), a perspectiva de avaliação mediadora pretende essencialmente, opor-se ao modelo do “transmitir-verificar-registrar” e evoluir no sentido de uma ação reflexiva e desafiadora do educador em termos de contribuir, elucidar, favorecer a troca de idéias entre e com seus alunos, num movimento de construção do saber engendrado na ação, provocação e na tentativa de reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa.

Neste sentido, objetivamos investigar uma prática de avaliação da aprendizagem em um curso *online* a partir dos critérios da avaliação mediadora à luz de Hoffmann (2004, 2005) em consonância com os fundamentos da interatividade na educação *online* preconizados por Silva (2002) para alicerçar as discussões, uma vez que os princípios deste tipo de avaliação caminham ao encontro dos pontos principais dos fundamentos da aprendizagem *online*. Buscamos também, mapeá-los com a finalidade de discutir indicadores específicos de qualidade, examinando a performance das interfaces fórum e chat como espaços da avaliação da aprendizagem *online*.

Dada a importância atribuída ao contexto, optou-se por uma abordagem qualitativa, levando-se em conta os objetivos da investigação. Utilizamos como método, a pesquisa participativa e como instrumento de coleta de dados utilizamos a técnica de questionário, que segundo Rizzini, Castro e Sartor (1999,p.77) "consiste em uma série de



perguntas e questões, cuja forma, aberta ou fechada, configura tipos de coleta de dados qualitativos e quantitativos, respectivamente". Optamos por questões abertas após aplicação de pré-testes.

Optamos também por observação participante, com a finalidade de analisar o movimento específico das interfaces no AVA e das estratégias de avaliação da aprendizagem implementadas.

Nosso *locus* de pesquisa foi um curso de extensão de educação *online*, apresentando a temática interatividade *online*, promovido por uma instituição de ensino privada localizada na cidade de São Paulo. Cabe ressaltar, que a iniciativa de participar ativamente na condição de aluno do curso permitiu trabalhar e interpretar a realidade ali apresentada com mais clareza.

Os registros das observações foram realizados no diário de campo compondo uma parte descritiva e uma parte reflexiva, levando em consideração a participação de todos, a descrição das atividades, comportamentos, reconstrução dos diálogos, discussões, execução de tarefas e reflexões metodológicas.

### **Tecendo parâmetros para uma avaliação significativa**

Avaliar é uma tarefa complexa e Gimeno (1988, apud LÜDKE, 2003, p. 73) afirma que “uma excelente proposta pedagógica pode ser inteiramente solapada por uma avaliação inadequada”.

Reconhecendo que o processo de construção do conhecimento pressupõe a natureza social e cognitiva, há que se considerar uma avaliação centrada no pensamento criativo, reflexivo, dialógico e crítico do aluno, em vez de buscar obsessivamente a padronização de condutas e respostas prontas, fechadas e memorizadas.

Uma pedagogia diferenciada favorece uma avaliação significativa e sob esta perspectiva, Hoffmann (2005, p.78) propõe uma concepção mediadora de avaliação e a define como um "processo de permanente troca de mensagens e de significados, um processo interativo, dialógico, espaço de encontro e de confronto de idéias entre educador e educando em busca de patamares qualitativamente superiores de saber".



Sob a concepção de avaliação mediadora, podemos observar que esta não adquire caráter eliminatório e sim problematizador e dialógico. Alunos e professores se movimentam em conjunto, desafiando o saber transmitido em busca de um saber construído, enriquecido. O fato de transitarmos da lógica de transmissão da informação para um novo contexto educacional com enfoque na interatividade nos remete ao surgimento de novas perspectivas sintonizadas com os pilares da avaliação mediadora e fundamentos da aprendizagem *online*.

Baseado no depoimento de Hoffmann<sup>3</sup>, Silva (2006, p. 26) apresenta o que seriam os pilares da avaliação mediadora da aprendizagem, sugerindo que esta se processa a partir de:

1. Liberdade de expressão. Uma avaliação contínua exige muitas tarefas com oportunidades de expressão do aluno. A primeira sugestão é que o aluno tenha várias oportunidades de expressar os seus conhecimentos a respeito de um estudo ou noção, e que essas várias expressões sejam observadas pelo professor durante a sua evolução. Essa é uma questão básica.
2. Atividades interativas. Todo o conhecimento que o aluno desenvolve é construído na relação consigo, com os outros e com o objeto do conhecimento, tudo ao mesmo tempo. Ou seja, o aluno nunca aprende sozinho. [...] Portanto, em primeiro lugar, a interpretação de muitas tarefas de aprendizagem, sejam elas orais ou escritas, são frutos da interação dos alunos; em segundo lugar, a mediação por meio de atividades interativas, questionadoras e desafiadoras, e não apenas por meio de uma nova explicação do professor ou de um estudo individual, também contribui para essa relação dialógica.
3. Diversidade. Lançar em um grupo as questões que o professor considera pertinente é fundamental para que na heterogeneidade da sala de aula, na

---

<sup>3</sup>Entrevista concedida à TVE. Disponível em:

<http://www.mec.gov.br/SEED/tvescola/Avaliação/entrevistas03.shtm>. Acesso em: 20/04/2006.



diversidade de pensamentos e de saberes, seus alunos possam discutir essas questões, trocar idéias uns com os outros e, de fato, formar um grupo com a possibilidade de ampliar as experiências. Essas tarefas são observadas e interpretadas e se transformam em estratégias pedagógicas interativas. [...] A grande aventura do educador consiste em prosseguir na diversidade, valorizando a multiplicidade de caminhos percorridos pelos vários alunos, investindo na heterogeneidade em vez de buscar a homogeneidade.

Ao nos reportarmos aos pilares da avaliação mediadora, delineamos alguns aspectos que constam nos trabalhos de Hoffmann (2004, 2005) e estão em consonância com os fundamentos da interatividade preconizados por Silva (2002), os quais consideramos ser de suma importância ao nosso estudo e procuramos pontuá-los neste contexto, objetivando uma seqüência didática:

- Participação colaborativa. Discussões em grupo são momentos que devem ser acompanhados pelo professor, alerta aos vários argumentos surgidos, prestando atenção para desencadear novas questões, mas nunca como elementos de avaliação individual. O importante é que se respeite o saber elaborado pelo aluno, partindo das ações desencadeadoras de reflexão sobre tal saber, desafiando-o a evoluir, encontrar novas e diferentes soluções às tarefas apresentadas pelo professor, sucessivamente.
- Provocação/reflexão. Avaliação significa ação provocativa do professor, desafiando o educando a refletir sobre as situações vividas, a formular e reformular hipóteses, encaminhando-se a um saber enriquecido.
- Autonomia. Através de jogos, debates a partir de textos, os estudantes refletem sobre os seus argumentos iniciais, enriquecem suas idéias, buscam contra-argumentos, têm a oportunidade de fazer descobertas próprias, formular conceitos, encaminhar-se efetivamente à aprendizagem de forma autônoma.
- Dialógica. Avaliação, enquanto relação dialógica vai conceber o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e pelo professor, como



ação-reflexão-ação que se passa na sala de aula em direção a um saber aprimorado, enriquecido, carregado de significados, de compreensão. Dessa forma, a avaliação passa a exigir do professor uma relação epistemológica com o aluno. [...] E] refletir em conjunto com o aluno sobre o objeto do conhecimento, para encaminhar-se à superação, significa desenvolver uma relação dialógica, princípio fundamental da avaliação mediadora.

- Plasticidade. O professor planeja a sua ação, mas esse planejamento precisa ser plástico, flexível, para abrir-se às várias opções de rumos e tempos, aos alunos e a cada turma, ajustando-se objetivos e atividades permanentemente. As novas concepções de aprendizagem propõem fundamentalmente situações de busca contínua de novos conhecimentos, questionamentos e críticas sobre as idéias em discussão, além de complementação através da leitura de diferentes portadores de texto, mobilização dos conhecimentos em variadas situações-problema e expressão diversificada do pensamento do aprendiz.

Percebemos que todos os pontos elucidados por Hoffmann (2004,2005) estão imbricados uns aos outros e não há como dicotomizá-los e lançarmos um olhar apenas para um ou outro ponto no contexto da avaliação proposta neste estudo, assim como os aspectos fundamentados por Silva (2002).

A avaliação mediadora requer um acompanhamento constante de todas as ações, reflexões, embates e discussões que possam surgir. Impulsiona todos, alunos e professores, a construir um saber competente e de qualidade. Vale-se também dos fundamentos da interatividade preconizados por Silva (2002), uma vez que a mediação se faz por meio da própria interatividade entre os sujeitos envolvidos, corroborando os princípios desta. Enfatiza que os processos avaliativos não podem estar fundamentados apenas em critérios e regras, mas abrange a relação dialógica e o dinamismo das ações desencadeando novas ações e oportunidades para reflexão e construção do conhecimento. Neste sentido, a visão do professor ultrapassa a concepção de observar e conferir se o aluno acompanhou o processo e alcançou resultados esperados, mas propõe ações diversificadas, investigativas, provocadoras, questionadoras e exige novas e melhores soluções a cada momento.



A avaliação mediadora nos convida ao rompimento das idéias cristalizadas de avaliação enquanto julgamento de resultados finais e irrevogáveis e valoriza a diversidade de conhecimentos e de processos de construção e socialização. Significa, assim, compreender a finalidade da prática avaliativa a serviço da aprendizagem, visando à promoção intelectual dos alunos e um aprendizado com qualidade. Mas o que é qualidade em avaliação?

Demo (2003, p. 40) afirma que a “qualidade não deve ser reduzida à quantidade, embora possa ser indicada indiretamente por faces quantitativas”, e que é sempre possível construir indicadores quantitativos da qualidade, porque o indicador também é construído teórico.

Embora os indicadores sejam constituídos como uma ferramenta de medição, Rizzini, Castro e Sartor (1999, p. 23) afirmam que:

[...] os indicadores podem ser quantitativos (os resultados aparecem em números, porcentagens, proporções...) ou qualitativos (representam situações não quantificáveis, onde há a descrição do fenômeno-visão de mundo, valores, opiniões, representações sociais...).

Nos cursos *online*, as ações, comportamentos e percursos dos alunos que se revelam no AVA propiciam observações e acompanhamentos constantes do professor, possibilitando uma avaliação em busca de critérios de qualidade. Esses critérios são delineados a partir de indicadores, os quais nos remetem à reflexão sobre fatores determinantes de padrão de excelência das atividades desenvolvidas.

Apesar dos estudos de Hoffmann (2004, 2005) não contemplarem indicadores específicos de qualidade, podemos sinalizar, por meio de todo o contexto apresentado nesse estudo, alguns parâmetros<sup>4</sup> pautados não apenas no trabalho da autora, como também nas contribuições presentes nos estudos de Silva (2002).

---

<sup>4</sup> “Elemento variável (característica ou dado) que entra na elaboração de um conjunto, o qual constitui um todo”. (HOUAISS e VILLAR, 2001)



Neste sentido, delineamos alguns indicadores os quais foram construídos pelo grupo de pesquisa<sup>5</sup> composto por cinco alunos do Mestrado em Educação da Universidade Estácio de Sá, que vem trabalhando desde 2005 acerca da pesquisa dos mesmos para construção de rubricas a serem utilizadas na avaliação da aprendizagem em cursos *online*.

Neste contexto, apontamos a aplicação de indicadores específicos que subsidiam o presente estudo na construção de rubricas, numa concepção mediadora de avaliação da aprendizagem.

Segue o Quadro 1, contendo algumas proposições acerca de indicadores de qualidade:

#### Quadro 1 – Indicadores específicos

Participação colaborativa - de forma crítica e ética, com respeito à pluralidade dos discursos que emergem dos debates e embates entre os colegas, com liberdade para expressarem suas idéias e retomarem dificuldades referentes aos conteúdos introduzidos e desenvolvidos.

Contribuições pessoais - advindas de pesquisas a partir de várias fontes, como suas experiências de vida e profissional, com o objetivo de promover um conhecimento melhor de cada aluno e do próprio professor, através de conversas e questões desafiadoras na busca de uma ação educativa em função do social.

<sup>5</sup> O grupo de pesquisa pertence à linha de pesquisa Pesquisa, Ambientes Interativos e Processos de Aprendizagem, vinculada ao Mestrado em Educação- área de concentração-Tecnologia de Comunicação e Informação nos Processos Educacionais. Integrantes:Lana Barbosa Silva, Susan Kratochwill, Nelly Kazan Sancho Cruz, Isabel Andréa Barreto Pinho, Paulo Cezar Borsatto e Marco Antonio da Silva (coordenador).



Levantamento de discussões - através de ações desencadeadoras de outras ações, ensejando intervenção e interação, com objetivo de dinamizar os debates.
Capacidade de mobilização frente às situações-problema - em prol da autonomia.
Capacidade de reorganização do saber - através da ação, movimento e provocação na tentativa de reciprocidade intelectual e construção do conhecimento.
Oportunidade de permanente troca de informações, reflexões e experiências - acerca das hipóteses que vierem sendo construídas, no sentido de discutirem os elementos importantes na continuidade das ações desenvolvidas, através de um processo dialógico e interativo.
Capacidade em realizar tarefas em grupos - de forma que os colegas se auxiliem nas dificuldades, incentivando os menos participativos e que apresentam dificuldades de comunicação interpessoal.
Articular o percurso da aprendizagem - em vários caminhos ou rotas, reconectáveis a qualquer momento, explorando a característica hipertextual.
Autoria criativa permeando a co-criação.
Articulação de saberes.
Capacidade de construir seus próprios mapas e conduzir suas explorações e percursos.

Fonte: Projeto avaliação da aprendizagem em educação *online*- Mestrado em Educação - Universidade Estácio de Sá-RJ

Procuramos mapeá-los com o objetivo de serem utilizados nas interfaces fóruns e *chats* a fim de validação das rubricas. Buscamos também, verificar a usabilidade das mesmas no ambiente virtual para avaliação da aprendizagem *online*.



Lüdke (2004, p. 75) tece algumas considerações quanto ao emprego de rubricas, afirmando que todas as informações sobre a qualidade esperada das tarefas devem ser fornecidas aos alunos. Assim, eles já ficam sabendo o que devem fazer para atingir determinados níveis e as expectativas são esclarecidas, *a priori*. “Quando os níveis são baseados ‘numa expectativa mínima’, todos sabem o que é requerido e isso é importante em classes com grupos heterogêneos”.

Nesta perspectiva, as rubricas foram disponibilizadas aos participantes com a finalidade de orientar os alunos quanto ao sistema de avaliação e assumirem a responsabilidade sobre sua própria aprendizagem, motivando-os a participar das atividades e gerenciar seus percursos.

No entanto, vivenciamos alguns impasses no decorrer do curso quanto às avaliações. As rubricas foram disponibilizadas a todos os participantes e verificamos ao final do curso que o critério adotado pelo professor e pela instituição não estava condizente com as atribuições das rubricas disponibilizadas. Os participantes obtiveram como resultado os conceitos “ótimo”, “bom” e “insatisfatório” e nível de aprovação ou reprovação baseado também em um percentual de 75% de frequência durante todo o curso. Percebemos que muitos participantes estavam preocupados com notas e não obtiveram um *feedback* relacionado às rubricas apresentadas, o que causou ansiedade e perplexidade em todos, fator comum no cotidiano dos processos educativos.

Apesar de todos os recursos que as novas tecnologias oferecem, o professor precisa estar atento e registrar o movimento dos alunos e atividades executadas ao longo do curso para que estes sejam utilizados na avaliação da aprendizagem de forma significativa sem o cometimento de injustiças ou equívocos, e as rubricas constituem em um dos recursos que potencializam e facilitam essa prática educativa na modalidade *online*.

Vale ressaltar que as rubricas devem ser entendidas como parte de um processo de ensino-aprendizagem e avaliação e não como forma de escalonamento dos alunos. Se não entendermos isso, poderemos retroceder ao sistema tradicional de avaliação.



## ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Os dados obtidos foram discutidos no decorrer de toda a pesquisa e percebemos por meio de observação e informações anotadas no diário de campo que os pontos marcantes no curso foram a interação e interatividade mantidas entre o grupo. O aspecto comunicacional mantido foi a chave mestra para a construção de um saber enriquecido. O diálogo, a multiplicidade de ações e conexões e trocas de informações mantidas entre os participantes propiciaram uma aprendizagem colaborativa e uma avaliação com qualidade.

Observamos também quatro condicionantes fundamentais que prevaleceram no decorrer da análise dos dados: o material didático adequado à proposta do curso, o bom planejamento dos participantes quanto à flexibilidade para realização de tarefas individuais e em grupos, a usabilidade das interfaces no AVA e o afeto mantido entre os participantes e o professor, força motriz para a motivação durante a realização de tarefas.

Belisário (2003, p.138) destaca a importância do material didático no processo de ensino-aprendizagem:

[...] o professor exerce o papel de condutor de um conjunto de atividades que procura levar à construção de conhecimento; daí a necessidade desse material apresentar-se numa linguagem dialógica que na ausência física do professor, possa garantir certo tom coloquial, reproduzindo em alguns casos, uma conversa entre professor e aluno, tornando sua leitura leve e motivadora [e] as aulas oferecem maior flexibilidade para que cada aluno planeje os seus estudos sem estar condicionado a uma estrutura seqüencialmente presa aos parâmetros da presencialidade.

Neste sentido, percebemos que a estrutura do material didático disponibilizado no ambiente possibilitou uma leitura hipertextual permitindo constantes construções e reconstruções e acesso às diversas informações garantido pela usabilidade das interfaces, principalmente do fórum de discussão. Esta interface assíncrona possibilitou várias intervenções dos participantes, o que permitiu fazer da sala de aula *online* um ambiente



mais próximo da participação colaborativa, conferindo graduações de qualidade ao aprendizado. O mesmo valor não atribuímos às discussões ocorridas no chat, uma vez que estas foram fugaz e na maior parte dispersivas pelo grande número de participantes, o que nos inviabilizou a construção de rubricas para esta interface.

Os dados obtidos por meio do questionário foram analisados pela técnica de análise de conteúdo à luz dos teóricos Bardin (2004) e Rizzini, Castro e Sartor (1999). Buscamos identificar as frases, respostas do questionário aplicado, expressões e idéias mais recorrentes entre os sujeitos, passíveis de ser analisadas.

Rizzini, Castro e Sartor (1999, p. 91) afirmam que a análise de conteúdo:

[...] é concebida como uma técnica de investigação que tem por objetivo ir além da compreensão imediata e espontânea, ou seja, ela teria como função básica a observação mais atenta dos significados de um texto, e isso pressupõe uma construção de ligações entre as premissas de análise e os elementos que aparecem no texto. Essa atividade é, assim, essencialmente interpretativa.

Procuramos nas expressões verbais ou textuais os temas gerais recorrentes que fizeram a sua aparição no interior de vários conteúdos mais concretos, portanto uma primeira forma de categorização e subcategorização constituindo o *corpus*<sup>6</sup>.

Surgiram, então, os seguintes núcleos temáticos: opção pelo curso relacionado à flexibilidade de tempo e necessidade de aprimoramento, busca por uma prática pedagógica diferenciada, participação por estímulo coletivo, interação, interatividade e auto-avaliação.

Cabe referir que a presente pesquisa apresentou algumas limitações cuja referência poderia trazer maiores contribuições para análise de seus resultados, mas que de forma alguma a invalidou. Conteúdos veiculados por mensagens via correio eletrônico (*e-mail*) entre professor e aluno não foram repassados para que pudéssemos aprofundar nossa análise; o número de participantes evadidos foi considerável, mas não pudemos inferir se

---

<sup>6</sup> *Corpus* – conjunto de entrevistas transcritas, observações anotadas em campo e dados e informações em geral sobre o objeto sob pesquisa (TURATO, 2003, p. 451).



isso ocorreu pelo dinamismo e ritmo acelerado dos demais participantes e/ou pela ausência de um suporte efetivo de tutoria, uma vez que somente um participante evadido respondeu o questionário não entrando no mérito deste questionamento.

Entretanto, acreditamos que o estudo tenha alcançado seus propósitos: realizar uma primeira aproximação do fenômeno e trazer elementos de reflexão para a discussão e formulação de propostas.

## CONCLUSÃO

Diante do exposto percebemos que para se praticar uma avaliação da aprendizagem em educação *online* de forma significativa é necessário que se considere a avaliação como uma reflexão transformada em ação; reflexão do educador sobre todo o contexto e acompanhamento constante do percurso do aluno quanto à construção do conhecimento. Um processo contínuo de interação e interatividade.

Percebemos também que as interfaces mais adequadas para se praticar a avaliação da aprendizagem numa concepção mediadora foram os fóruns de discussão. A riqueza de informações e trocas de experiências que ocorreram nestas interfaces proporcionaram uma efetiva interatividade entre os participantes, conferindo capacidade de promover a aprendizagem por meio de ação-reflexão-ação e, principalmente, colaboração e compartilhamento em busca da construção coletiva do conhecimento, corroborando com os pilares de Hoffmann. Os fóruns possibilitaram o diálogo, a intervenção dos participantes e a multidirecionalidade entre os grupos de trabalho, desencadeando permutabilidade de informações e experiências como preconiza Silva em suas obras. Verificamos que a presença coletiva mantida no AVA estava imbuída na interatividade e em seus fundamentos. Sem esta, a produção do conhecimento não atingiria a qualidade que obteve neste curso. A interatividade manifestou-se enquanto troca e compartilhamento de informações e experiências engendradas na construção de uma inteligência coletiva que gerou co-criação. Conferiu agregação dos grupos com base em interesses comuns e valores compartilhados, formando uma rede apropriada à formação de um coletivo inteligente interconectado.

Percebemos que a visão do professor/avaliador nesse curso ultrapassou a concepção de somente um mero observador; propôs ações diversificadas e estimulou a



reflexão e o senso crítico dos participantes mediante provocações e questionamentos. As buscas contínuas por novos saberes e por resoluções de situações-problema fizeram com que os participantes adquirissem certa autonomia, desencadeando novas discussões e diferentes pontos de vista. Nesse sentido, foi possibilitada a construção-desconstrução-reconstrução do conhecimento, num processo em que os participantes atribuíram sentidos próprios às informações, gerando novas soluções a cada instante.

Um outro ponto que vale ressaltar é a elaboração do desenho instrucional que teve a sua parcela de contribuição para o êxito de todo o processo de ensino-aprendizagem e avaliação. Os conteúdos e disposições das tarefas facilitaram o aprendizado, todavia a extensão dos textos disponibilizados pelo curso dificultou a finalização das atividades dentro do prazo previamente estabelecido. Conseqüentemente, o dispêndio de tempo empenhado nas leituras dos textos neste curso foi bem maior que o esperado, mas proporcionou um aprofundamento de novos conceitos e não interferiu na coleta, análise dos dados e resultados.

Analisando as falas, conferimos que o conjunto de todas as respostas nos permitiu compreender melhor as expectativas dos participantes e o compromisso de todos com o aprendizado, mas ainda prevaleceu, em uma pequena minoria, a cultura do julgamento, da atribuição de notas e valores quanto ao modo de avaliar, por mais que as rubricas tivessem sido apresentadas inicialmente.

A proposta de uma avaliação mediadora em um curso *online* com o emprego de rubricas nos proporcionou um novo entendimento quanto ao sistema de avaliação nesta modalidade de ensino. Conferimos a possibilidade de se exercer este tipo de avaliação nos fóruns de discussão e percebemos o quanto essa prática foi otimizada pela interatividade no AVA provocada pela ação democrática do professor junto do grupo.

Chamaram nossa atenção, destacadamente, o afeto e o respeito mantidos pelo professor com os participantes, proporcionando liberdade para a expressão de suas idéias e conhecimentos por mais paradoxais que pudessem parecer, favorecendo dessa maneira momentos de reflexão e construção de um saber enriquecido alicerçado na autonomia.

Evidenciou-se, portanto, que a avaliação mediadora nos convida ao rompimento de idéias cristalizadas de avaliação baseada em julgamento de resultados finais, em favor da valorização da sinergia que mobiliza a diversidade de atuações e de processos de



construção do conhecimento e de sua socialização. Mais especificamente, destacamos três aspectos essenciais que seriam norteadores à aprendizagem e avaliação em um curso *online*: a) a importância de programar o tempo de curso em relação aos conteúdos e às atividades propostas; b) a relevância dos fóruns de discussão para promover diálogo, a multidirecionalidade e a co-criação entendidos como interatividade nos grupos de trabalho; e c) a construção de rubricas, que evidenciaram não somente a importância do emprego destas nas avaliações individuais e coletivas, mas em auto-avaliações.

Finalmente, cabe ressaltar que na realização do presente estudo, tivemos o intuito de contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a prática avaliativa em cursos *online*. Todavia, não temos a pretensão de esgotar o tema, mas subsidiar e estimular o surgimento de outras pesquisas sobre como efetuar a avaliação da aprendizagem ainda enigmática na educação presencial e *online*.

#### REFERÊNCIAS:

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 3 ed., 2004. p. 32 e 89.

BATALLOSO, J. M. É possível uma avaliação democrática? Ou sobre a necessidade de avaliar educativamente. In: BALLESTER, M. (Org.) **Avaliação como apoio à aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 50.

BELISÁRIO, A. O material didático na educação a distância e a constituição de propostas interativas. In: SILVA, M. (Org.). **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003.



DEMO, P. **Mitologias da avaliação:** de como ignorar, em vez de enfrentar problemas. Campinas: Autores Associados, 2003, p. 22 - 40.

HOFFMANN, J. M. L. Entrevista concedida à TVE. Disponível em <http://www.mec.gov.br/SEED/tvescola/Avaliacao/entrevistas03.shtm>. Acesso em 20/04/2006.

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação mediadora:** uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2005. 24 ed., p. 22-117.

\_\_\_\_\_. **Avaliar para promover:** as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 18- 118.

\_\_\_\_\_. **Mito & desafio:** uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 2004, 34 ed., p. 21-23.

\_\_\_\_\_. **O jogo do contrário em avaliação.** Porto Alegre: Mediação, 2005, p. 34 e 35.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LÜDKE, M. O trabalho com projetos e a avaliação na educação básica. In: SILVA, J. F; HOFFMANN, J.; ESTEBAN, M. T. (Orgs.) **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo.** Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 73-76.

RIZZINI, I.; CASTRO, M. R.; SARTOR, C. D. **Pesquisando:** guia de metodologias de pesquisa para programas sociais. Rio de Janeiro: Ed. USU, 1999. p. 91.

ROSINI, A. M. **As novas tecnologias da informação e a educação a distância.** São Paulo: Thomson Learning, 2007. p. 80.



SILVA, M. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2002. p. 11, 21-23,100-136.

SILVA, M.; SANTOS, E. (Orgs.). **Avaliação da aprendizagem em educação *online***. São Paulo: Loyola, 2006.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 442.